

## BRASIL

ALEXANDRE SANTI

O arquiteto Oscar Niemeyer não agüenta mais falar de arquitetura. Mas, neste ano, em que completa cem anos, não poderá fugir do assunto. Ou, no mínimo, mesmo calado, sofrerá com os infinitos comentários sobre sua obra, considerada genial e de influência definitiva na arquitetura internacional, até entre aqueles que criticam os princípios dos seus projetos. O comentário sobre a estafa diante dos debates em torno da profissão, a qual ainda exerce no seu escritório no Rio de Janeiro, aparece na primeira das homenagens ao centenário, o documentário *Oscar Niemeyer – A Vida É um Sopro*, em cartaz na Capital.

– A minha arquitetura não é uma solução para arquitetura, é a minha arquitetura. Assim como na pintura a gente está de acordo que não existe a pintura antiga e a moderna, existe a boa e a má pintura. Na arquitetura é a mesma coisa. O ideal é cada um procurar o seu caminho e fazer o que gosta. Eu confesso a você que estou um pouco cansado de falar de arquitetura. Porque as coisas se repetem, a conversa é a mesma, as perguntas são as mesmas – diz Niemeyer num dos 11 depoimentos dados ao cineasta Fabiano Maciel durante os nove anos de produção do longa.

Em 99 anos, o arquiteto fez cerca de mil projetos. Seiscentos foram executados, segundo levantamento aproximado feito por Maciel durante as pesquisas para o documentário. Após tanto trabalho, sempre que pode Niemeyer tenta desviar a conversa a respeito de suas obras para a importância do homem, das questões sociais e da política. Comunista convicto, ele passou o século de vida preocupado com a pobreza e a desigualdade.

– Mais importante do que a arquitetura é estar pronto para protestar e ir à rua, é o sujeito se sentir bem, sentir que não é um merda, que ele está ali para ser útil – diz ele.

No entanto, entre declarações políticas (onde é mais um) e projetos (onde é único), é provável que as atenções se voltem para a obra arquitetônica durante o centenário.

– Eu não dissociaria a vida dele do legado na arquitetura. Oscar é um construtor da civilização brasileira – diz Ciro Pironi, arquiteto e diretor da Escola da Cidade, Associação de Ensino de Arquitetura e Urbanismo de São Paulo.

## O tema da curva

Niemeyer vem ajudando a mudar a cara das cidades desde 1937, quando participou da elaboração do desenho do prédio do Ministério da Educação, no Rio de Janeiro. O edifício é considerado um marco arquitetônico e tem os princípios básicos que vão nortear a obra de Niemeyer: vãos livres, uso do concreto armado e das formas curvas. O prédio ainda reflete

# Um longo sopro de vida

Como Oscar Niemeyer reinventou a moderna arquitetura brasileira

tia a arquitetura moderna que vinha surgindo no resto do mundo por inspiração do mestre franco-suíço Le Corbusier, que trabalhou junto com o escritório de Lúcio Costa no projeto (Costa foi o primeiro empregador e grande colaborador de Niemeyer). Le Corbusier era um entusiasta do ângulo reto, mas Niemeyer contrariava o mestre, sentia falta de uma silhueta mais curvilínea na arquitetura moderna, algo que lembrasse a leveza do brasileiro e a sensualidade das mulheres. Apesar de participar do desenho final e se entusiasmar com o resultado, o jovem arquiteto esperava uma chance para deixar a caneta flunar.

Em 1940, Juscelino Kubitschek, então prefeito de Belo Horizonte, deu a chance para o jovem arquiteto de 33 anos. Após o encontro com Niemeyer, Juscelino pediu o projeto do Cassino da Pampulha para o dia seguinte. O arquiteto virou a madrugada e cumpriu o prazo. Junto da Igreja de São Francisco, a Casa do Baile e o Late Clube, o conjunto do novo bairro

da Pampulha lançou as sonhadas curvas na arquitetura e fez fama mundial.

Segundo o arquiteto e professor da UFRGS Edson Mahfuz, a primeira fase da carreira Niemeyer, iniciada na Pampulha e encerrada antes da construção de Brasília, influenciou um número enorme de arquitetos e compreende os melhores projetos do arquiteto. No documentário de Fabiano Maciel, o arquiteto Ítalo Campofiorito avalia que a marquise sinuosa da Casa do Baile é a mais influente das obras de Niemeyer. Uma ironia, tratando-se de um arquiteto que tem no currículo projetos aparentemente mais audaciosos, como os palácios e a Catedral de Brasília.

– A grande mudança ocorre com a Pampulha. Aí começa o tema da curva, que percorre toda a vida dele – diz o crítico italiano Roberto Segre, da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade Federal do Rio de Janeiro. Apesar de gerar alguma polêmica (a Igreja de São Francisco, por exemplo, não foi aceita

pelos religiosos durante anos), o arquiteto não sofreu com a falta de reconhecimento imediato, como acontece com outros artistas avançados para o tempo em que vivem. Em 1947, estava em Nova York para desenhar a sede das Nações Unidas. Com algumas alterações feitas por Le Corbusier, seu projeto foi executado. Até a virada dos anos 1950, ele teve pelo menos outros dois projetos considerados clássicos: o edifício Copan e o Conjunto do Ibirapuera, ambos em São Paulo. As discordâncias começam a partir daí, com a criação de Brasília.

– Eu acho ele genial, adoro alguns projetos, mas tenho problemas com outros – diz Flavio Kiefer, arquiteto e professor da Uniritter.

## Uma coragem absurda

Flavio Kiefer e outros estudiosos, como Edson Mahfuz, não discutem a beleza da maioria das obras da segunda metade do século de Niemeyer. O que está em jogo, segundo Kiefer,

é a funcionalidade dos prédios e os princípios arquitetônicos. Ao privilegiar a estética, Niemeyer passa um recado perigoso aos demais arquitetos, ensinados a pensar os projetos em função de quem vai circular pela estrutura. Antes de tudo, o prédio deveria servir a seus usuários, segundo a visão da arquitetura tradicional. Niemeyer subverte esse conceito.

– Tem que haver fantasia, tem que haver uma solução diferente. Isso é que é importante na arquitetura. Beleza é importante. Você vê as pirâmides: uma coisa sem o menor sentido, mas são tão bonitas, são tão monumentais que a gente esquece a razão delas e se admira, né? Se você ficar preocupado só com a função, fica uma merda – diz o arquiteto no filme.

Para Kiefer, um bom exemplo do conflito da arquitetura mais recente de Niemeyer seria o Museu de Arte Contemporânea de Niterói, o prédio em forma de cogumelo (ou cálice), na ponta de um mirante na praia de Boa Viagem. Kiefer admite que o desenho é bonito.

– Mas, como museu, é muito ruim. Se fosse um restaurante panorâmico, tudo bem – diz.

Dentro do museu, há vista de 360 graus para a cidade e toda a Baía da Guanabara. Segundo os críticos, a paisagem e o desenho do prédio chamam tanta atenção que tira a importância das obras do museu, que deveria ser a preocupação fundamental do arquiteto.

– Acho difícil discutir beleza apesar do prédio não funcionar – completa Mahfuz.

As críticas não param aí. Para o professor da UFRGS, Niemeyer impõe verdadeiras “fancinhas” à engenharia. Com o uso constante de estruturas suspensas, muitas vezes o arquiteto exige trabalho intenso dos engenheiros para deixar o prédio em pé. Em defesa de Niemeyer, o Brasil desenvolveu muitas técnicas importantes no uso do concreto e de pilotis (os pilares que deixam os edifícios suspensos do chão) em consequência dos desafios impostos pelo arquiteto. Além disso, o arquiteto parece se repetir no uso de grandes áreas abertas que viram palco de prédios que, devido aos custos elevados, só podem ser encomendados por governos ou grandes corporações.

– A arquitetura dele se tornou tão distante da arquitetura normal que você olha para aquilo e não tira lições. Uma obra de alguém desse nível tem que servir como guia para os demais. Não tem como ensinar a arquitetura mais recente dele – diz Mahfuz.

Mas Niemeyer não é um inimigo dos arquitetos. Para Ciro Pironi, alguns conceitos trazidos são eternos, mesmo relegados a segundo plano, como o uso do chão nas obras. Muitos projetos de Niemeyer valorizam a superfície lisa como forma de dar destaque para o prédio. Ou o arquiteto enterra algumas estruturas para evitar a poluição visual da área. Os grandes vãos, que facilitam o trânsito de pessoas e o arejamento dos edifícios, também são saudados por Pironi. E, acima de tudo, a liberdade da forma. Niemeyer viciou-se em curvas, uma mania que não precisa ser seguida por todos, segundo Pironi, e legou o conceito de que o traço é livre. Define Pironi:

– A obra dele é de uma coragem absurda.

Pironi também defende o arquiteto em questões técnicas. Acusado de realizar projetos esbanjadores, Niemeyer teria sido bem sucedido em projetos de custos modestos. O Copan, prédio símbolo da capital paulista, foi desenhado para a iniciativa privada e tinha que dar lucro – Niemeyer, no entanto, não ficou satisfeito com as mudanças e não fala mais sobre o prédio. Os Centros Integrados de Educação Pública (Cieps), espalhados pelo Estado fluminense, e o Centro Técnico da Aeronáutica (CTA), em São José dos Campos (SP), são dois exemplos de construções populares que aliam boas soluções, criação e baixo custo.

Independentemente da polêmica, arquitetos renomados trouxeram os traços do mestre carioca para a atualidade. A grandiosidade e o caráter escultural de Niemeyer estão no trabalho da iraquiana Zaha Hadid, por exemplo. As curvas aparecem no projeto da sede da Fundação Iberê Camargo, em Porto Alegre, assinado pelo português Álvaro Siza Vieira. Mas, para Edson Mahfuz, a grande influência de Niemeyer ficou nos trabalhos realizados até a década de 50, quando o modernismo inspirou nomes como João Filgueiras Lima, o Lelé, responsável pelos edifícios da Rede Sarah de hospitais, e Jorge Moreira, autor do Hospital de Clínicas de Porto Alegre.

– O trabalho dos últimos 30 anos não tem seguimento, fica quase como uma exceção na arquitetura – nota Mahfuz.

## Transitoriedade

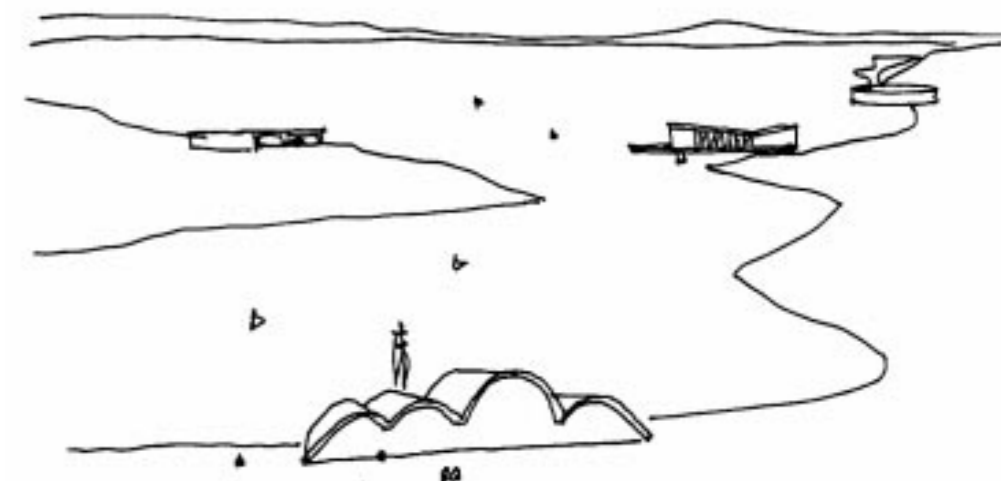
Dono de uma personalidade que transita entre o bom e o mau humor com muita velocidade, Oscar Niemeyer não gosta de críticas. Recentemente, rompeu com o crítico Roberto Segre, que dera uma entrevista a um jornal inglês comentando sua obra.

– Ele está brabo comigo – revela Segre.

Segundo Fabiano Maciel, as entrevistas para o documentário eram sempre uma surpresa. Alguns dias, Niemeyer dizia que não iria falar. Em outros, avisava que daria um depoimento de 10 minutos, mas acabava falando por três horas. A grande contribuição de *A Vida É um Sopro*, além dos comentários sobre a própria obra, está na revelação de um Niemeyer desbocado e bem-humorado, com um forte gosto pelas palavras. Apesar de incomodar com as críticas, Niemeyer parece, na verdade, não dar bola para seu legado. Sua contraditório. Mas o arquiteto talvez esteja apenas criticando a tentação do debate em torno de sua obra. Para ele, o homem – e os edifícios – são transitórios na Terra.

– Eu acho que tudo vai desaparecer. O tempo cósmico é muito curto. Me perguntaram outro dia: “O senhor não tem prazer em saber que mais tarde o sujeito vai passar e ver o trabalho que mais tarde o sujeito vai fazer?” Ah, mais tarde o sujeito vai desaparecer também. É a evolução da natureza. Tudo nasce e acaba – diz no filme.

Talvez Niemeyer esteja errado quanto à finitude da própria influência.



Projeto de Oscar Niemeyer para Pampulha, Belo Horizonte, 1940

## À procura de um Niemeyer no Sul

Pelo menos três projetos de Oscar Niemeyer ganharam forma no Rio Grande do Sul. Em São Borja, um momento homenageia Getúlio Vargas. Em Santo Ângelo, há o Marco à Coluna Prestes. O único prédio concluído do arquiteto está em Vacaria, no norte do Estado, mas padece com problemas de manutenção.

Batizado de Casa do Povo, o auditório cilíndrico foi inaugurado em 1986 e serviu, até 1998, de palco para shows, peças teatrais, eventos religiosos e formaturas, com capacidade para 5 mil pessoas. Em 2003, a prefeitura de Vacaria constatou que seriam necessários R\$ 780 mil para restaurar o prédio. O concreto utilizado na obra seria suficiente para levantar um prédio de 30 andares. Recentemente, a prefeitura conseguiu incluir o projeto na Lei Rouanet, que prevê incentivos fiscais para empresas que patrocinam a cultura.

Niemeyer fez pelo menos outros cinco projetos para o Estado, nenhum deles executado (os números são imprecisos, já que o arquiteto tem o hábito de entregar esboços gratuitos para causas com as quais simpatiza).

Na década de 1970, a Associação Médica do Rio Grande do Sul (Amrigs) procurou Niemeyer para desenhar a nova sede da entidade, um grande centro de eventos que pudesse receber 3 mil pessoas simultaneamente. A Amrigs conseguiu um terreno na Avenida Ipiranga, em Porto Alegre, e pediu um projeto arrojado. Niemeyer comprou a ideia e doou as plantas para a associação. O projeto previa um hotel, um estacionamento subterrâneo, um refeitório, dois auditórios e prédios administrativos. Visto de cima, o desenho de Niemeyer lembrava uma foíce e um martelo.

Segundo Hans Schreen, 70 anos, diretor da Amrigs à época e ex-presidente da entidade, todo o estacionamento previsto por Niemeyer

foi concluído. O arquiteto chegou a enviar representantes de seu escritório para monitorar o trabalho, iniciado em 1975. Como a associação não tinha recursos em caixa e dependia de um financiamento que não veio, a obra não deslançou depois das fundações.

– A grana ficou curta – lembra Schreen.

Em 1981, o projeto parou totalmente e só voltou a ser retomado em 1986, com um redesenho – mais modesto – autorizado por Niemeyer. Hoje, com um teatro e os prédios construídos, a Amrigs conta com cerca de um terço da obra prevista originalmente pelo arquiteto.

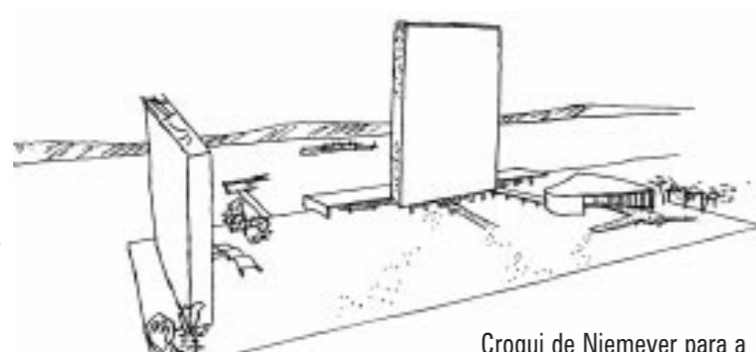
– Está aproximadamente dentro do projeto. Foram mantidas as concepções originais, embora os espaços seja menores – diz Schreen.

Outra possibilidade de um Niemeyer no Sul seria o Caminho da Soberania, memorial que inicialmente homenagearia Leonel Brizola, mas que foi estendido para os ex-presidentes Getúlio Vargas e João Goulart. Uma fundação já foi criada para levantar recursos para o monumento. Os memoriais, na Orla do Guaíba, em Porto Alegre, contariam a história e exibiriam objetos dos personagens. As conversas entre Niemeyer e a prefeitura da Capital iniciaram-se em 1995. O arquiteto previu três estruturas para cada político, as três seguindo um mesmo desenho: uma forma oval de concreto branco com um grande busto do homenageado em cima do memorial. Cada estrutura custaria R\$ 2 milhões, excluindo o busto. A prefeitura ainda precisa autorizar as obras para o primeiro dos memoriais, o de Brizola, que poderá ser construído até o segundo semestre de 2008 – desde que a fundação consiga levantar patrocínios.

Niemeyer desenhou outros três memoriais para personalidades gaúchas: Luiz Carlos Prestes (em Porto Alegre), Oswaldo Aranha (Alegrete) e Erico Veríssimo (Cruz Alta). Os três ficaram no papel.



Cena do documentário "A Vida É um Sopro"



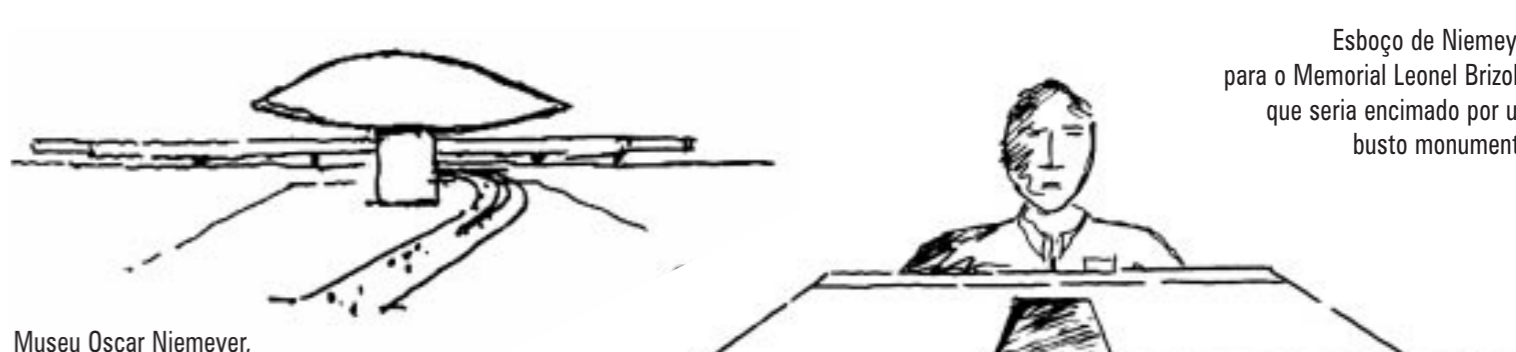
Croqui de Niemeyer para a sede da ONU, em Nova York, 1947



A obra-prima de Niemeyer: segundo alguns observadores, a Casa do Baile, desenhada em 1942 para a Pampulha, em Belo Horizonte, seria mais importante que Brasília



Museu de Arte Contemporânea de Niterói, Rio de Janeiro, 1996



Museu Oscar Niemeyer, Curitiba, 2002



Esboço de Niemeyer para o Memorial Leonel Brizola, que seria encimado por um busto monumental

Data Publicação : 28/04/2007

Caderno :Cultura